

Marilena Chauí professora: a autoridade contra o autoritarismo¹

Bárbara Romeika Rodrigues Marques²

Orcid: 0009-0001-8903-9088

Resumo

O artigo discute elementos da experiência docente em Marilena Chauí associando a atividade engajada de ensino ao compromisso com a pluralidade. Para tal, busca em relatos de ex-alunos/as, depoimentos de participantes dos encontros, grupos de estudos e no material publicizado sobre as aulas, elementos que possam revelar o que se constitui como autoridade comunicadora, na partilha de uma presença que convida ao singular e ao plural da expressão. A partir da análise bibliográfica, discute em que medida a intenção de partilhar saberes confere uma força de atuação que tanto desarticula processos de submissão e autoritarismo quanto descarta elementos de opressão e coerção intelectual em atividades acadêmicas. Destaca desta história o indissociável entre o ensino e a atividade de pesquisa, no compromisso em coadunar o instituído e o instituinte no enfrentamento da barbárie. Com o intuito de assinalar a trajetória da professora Marilena Chauí como afirmação do debate público em contraponto às múltiplas formas do autoritarismo, ressalta a marca de uma docência capaz de dar a ver presença e autoridade a partir da partilha comunicadora. Assim, considerando o trabalho educativo na forma de um cuidado presentificado na aula, investiga a composição dos processos pedagógicos entre elementos como convidar, estimular, desafiar, persuadir, na intercessão entre rigor e sensibilidade, espontaneidade e critério. Conclui com a defesa da retomada da autoridade docente com vistas à pluralidade como o indispensável a ser cuidado na experiência acadêmica.

Palavras-chave

Marilena Chauí – Docência – Autoridade docente – Partilha comunicadora.

1- Dados da pesquisa: O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo está disponível publicamente. Foi disponibilizado no Repositório da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e pode ser acessado em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/16145>

2- Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), Valença, Rio de Janeiro, Brasil.
Contato: barbara.marques@cefet-rj.br



<https://doi.org/10.1590/S1678-4634202551288914> por
This content is licensed under a Creative Commons attribution-type BY 4.0.



*Marilena Chaui, professor: authority against authoritarianism**

Abstract

This article examines Marilena Chaui's teaching experience, linking her teaching activities with a focus on plurality. To this end, it searches for elements that can reveal what constitutes a communicative authority in the sharing of a presence that invites the singular and plural expression in the reports of former students, testimonies of participants in meetings, study groups and in the published material about the classes. Based on the bibliographic analysis, it discusses to what extent the intention of sharing knowledge confers a force of action that both disarticulates processes of submission and authoritarianism and discards elements of oppression and intellectual coercion in academic activities. It highlights in this story the inseparability between teaching and research activity, in the commitment to reconcile the established and the instituting in the confrontation of barbarity. In order to highlight the trajectory of Professor Marilena Chaui as an affirmation of public debate in contrast to the multiple forms of authoritarianism, the article highlights the mark of a teaching style capable of revealing presence and authority through communicative sharing. Thus, considering educational work in the form of care made present in the classroom, the article investigates the composition of pedagogical processes between elements such as inviting, stimulating, challenging, persuading, in the intersection between rigor and sensitivity, spontaneity and criteria. The article concludes by defending the resumption of teaching authority with a view to plurality as the indispensable aspect to be taken care of in the academic experience.

Keywords

Marilena Chaui – Teaching – Teaching authority – Communicative sharing.

Marilena Chaui: entre a abundância e a privação da palavra

Ao termo-chave “Marilena Chaui” tem-se como resultado de pesquisa em buscadores virtuais definições da escritora e filósofa brasileira, especialista na obra de Espinosa e professora emérita de História da Filosofia Moderna na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Inclui-se a informação de Marilena Chaui como uma das filósofas mais importantes do Brasil e uma das mais influentes intelectuais do país, com destaque para os livros e produções acadêmicas desta. Estende-se, também, o reconhecimento de sua trajetória ao engajamento com a cena política, seja a partir da participação em instâncias decisórias, na diligência do envolvimento com a reflexão sobre a atualidade, ou, antes, a partir da importância de sua luta contra a repressão ditatorial no contexto brasileiro do final dos anos 1960.



Desse último elemento, destaca-se o modo como as implicações da repressão ditatorial (1964-1985) que maculam a história desse país resultaram em fatos tomados de arbitrariedade, não só pelo controle da palavra, mas pela gerência do direito fundamental à vida. Vale, a partir de então, questionar em que medida o coercitivo deste período comprometeu a liberdade do pensamento e da expressão, matéria estruturante da vida intelectual.

Dos relatos da professora Marilena Chaui, tem-se que a devastação da liberdade de expressão demanda à docência o compromisso e a busca por mecanismos para desarticular o funesto derivante da barbárie e tornar possível o fluxo ativo da reflexão. Chaui assinala como o domínio da repressão demandou aos estudantes e aos professores uma atuação resiliente em defesa da continuidade da universidade, pois, como relata, “era o momento no qual você entrava para dar aula sabendo que havia na classe policiais, que o DOPS estava lá registrando. [...] Trabalhávamos não sob tensão, mas sob terror, e um terror ilocalizável. [...] Nenhum de nós sabia se haveria dia seguinte” (Chaui, 2011b, p. 183-184).

Da relação entre o contexto da repressão vivido no departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP) e a trajetória da professora Marilena Chaui deriva a evidência do elo entre a atividade intelectual e a luta política. A partir dos seus depoimentos, é possível perceber a construção de uma estratégia de atuação que buscou imprimir no trabalho acadêmico a legitimidade para a sua própria sustentação. Chaui (2020) relata ter sido esta a época em que mais estudou, pesquisando e orientando inúmeros trabalhos de conclusão de curso para que houvesse lastro intelectual e burocrático suficiente à continuidade do departamento de Filosofia. “De onde foi que tiramos força para sobreviver?” pergunta, ao que ela mesmo responde: “No caso particular do Departamento de Filosofia, uma revista foi criada (por Dona Gilda [de Mello]), teses foram feitas e defendidas, o Departamento foi reestruturado, uma pós-graduação foi criada, e os cursos de Graduação foram inteiramente reformulados” (Chaui, 2011b, p. 184). É de se questionar como foi possível que estes sujeitos realizassem as demandas da produção intelectual frente a um cenário de controle, tensão e arbitrariedade. Como continuaram em operação com o núcleo de uma atividade que abarcava exatamente o elemento a ser desfigurado? Como resposta, Marilena Chaui (2011b, p. 184) apresenta uma ideia sustentada pelo sentimento de uma “profunda convicção política de que não era possível permitir que um mínimo de produção cultural e de trabalho de pensamento pudesse ser destruído, que não podíamos permitir que o obscurantismo mais profundo imperasse no país”.

A identidade docente constitui a luta pela dignidade da palavra – na afirmação cotidiana da liberdade criativa e do direito à expressão. Como aponta Chaui (2019, p. 146-147): “as aulas são o lugar de aprender a escutar, falar, ler e escrever, aprendizado extraordinário que a ditadura rouba dos jovens: o mundo da expressão. As aulas de filosofia têm o papel de uma iniciação e acesso ao trabalho lento do pensamento”. Nesse sentido, vale notar os trajetos graduais a que alguém, cujo propósito é a primazia da palavra, engendra e desenvolve para ser capaz de transpassar a intimidade do ato de pensar para o *possível* da expressão compartilhada – como que encontrando os dutos que viabilizam a conversão do aparato simbólico pensado para a linguagem expressa. No caso da professora Marilena Chaui, a evidência da atitude política somada à atividade



de partilha intelectual como estrutura fundamental da docência coaduna elementos suficientes à composição plural do mundo.

A trajetória de Chauí realça uma luta dada entre as esferas macro e micropolíticas. Nesse sentido, vale considerarmos as intercorrências vivenciadas a partir da condição de mulher, intelectual e professora, na ambientação acadêmica dos anos 1960. Vejamos este relato proferido por Chauí³ para abordar o contexto específico do departamento de Filosofia da USP.

Eu tive todas as experiências de interditos. Mais do que vocês que são jovens e que aqui e ali encontram esses interditos de uma maneira muito camouflada. Eu pertenço a uma geração em que não tinha disfarce nenhum. E quando você infringia a interdição, quando você dava um passo a mais do permitido, era imediata a reação de considerar que você não tinha juízo. Era uma expressão que se usava muito ‘ela não tem juízo’, ou seja, colocava [a mulher] na dimensão da loucura ou então na dimensão da prostituição. Eu passei pelas duas experiências o tempo inteiro, no início, em que ou era porque eu não tinha juízo, ou era porque eu tava num processo de sedução. [nessa perspectiva] Eu não deveria ser levada a sério porque eu era uma menina que queria seduzir os professores. [...] O departamento de filosofia se organiza como uma horda masculina e não se percebe assim, mas é o que ele é. [...] A coisa mais anti-filosófica é o preconceito que reinou do departamento de Filosofia durante décadas a respeito das mulheres (Colóquio [...]).

Alguns dos condicionantes políticos são indispensáveis à análise do conjunto constitutivo da docência. Deles é plausível questionar, por exemplo, como da atividade filosófica e/ou acadêmica, em que se espera a abertura da palavra, pode derivar o pensamento limitativo. Ou, ainda, como do ambiente de familiarização e amplificação dos artifícios da reflexão pode advir a segregação irrestrita ao direito mesmo da condição de ser e pensar. A tirar pelo modo como a trajetória da professora Marilena Chauí situa-se no contexto dicotômico de privação e abundância da expressão; de como lhe foi oportunizado, na formação escolar, o acesso ao legado cultural e o modo como o ambiente escolarizado lhe extirpa a legitimidade da expressão, com o recorte da questão de gênero.

Aliás, a tomar essa experiência relacionada à questão de gênero, muitos elementos poderiam ser abordados e, para tal, precisaríamos de uma direção de estudo e de um conjunto teórico tão extenso e apurado quanto inexequível para a contingência da presente proposta textual. Todavia, se os olhos que acompanham essa linha não representam a figura do sujeito que tenha assegurado o acesso aos privilégios sociais, saberá, em maior ou menor grau, dos impactos de segregações que demarcam nossa cultura. Saberá, este leitor ou leitora, com quem agora compartilha o instante, o peso que as adversidades de ordem social, racial ou de gênero imprimem no processo de formação escolar de uma pessoa, quando não lhe for garantido a entrada, a justa permanência, a liberdade ou, enfim, a dignidade para compor o espírito da expressão plural.

3- A partir de 1h:31 do vídeo "COLÓQUIO FILÓSOFAS: mesa de abertura - homenagem a Gilda de Mello e Souza". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YPpiDh27AYs&t=5460s>. Acesso em: 23 jan. 2024.



Então, a tomar o caso da professora Marilena Chaui e a considerar o vislumbre das contradições postas em cada sistema, cabe perguntar: o que cada sujeito da docência experimenta implica naquilo que tem a oferecer, em sua obra de docência?

Uma obra de docência em Marilena Chaui

O modo como Chaui dá a ver a forma de relação com a docência em Filosofia resvala no conjunto de sua realização – em mais de quatro décadas de dedicação ao exercício do magistério. Como afirma Chaui (2019, p. 151): “penso que nasci para ser professora. É o que sei fazer e o que gosto de fazer. O núcleo da minha vida intelectual, o núcleo da minha vida filosófica é ser professora”. E, em outra ocasião: “os instantes de sistematização, de avaliação do significado do trabalho filosófico sempre me vieram através do trabalho como professora mais do que através dos exercícios acadêmicos como o mestrado e o doutoramento” (Chaui, 2011b, p. 180).

Vale começar por mencionar o modo como a identidade docente em Marilena Chaui encontra ressonância com o que esta relata ter recebido da instiga dos/as seus/ suas professores/as. Ou, ainda, a partir do fato de que Marilena é filha de uma professora primária, de um jornalista, e neta de um professor de literatura árabe e francesa. Mas, para o recorte do presente texto, será relevante notar como diversos/as de seus/suas professoras/ es, desde o início de sua formação escolar, figuram como essenciais à composição de uma trajetória de vida.

A considerar desde o 1º ano do colegial, com o caso do professor de Filosofia João Villalobos, a quem Chaui assinala como uma figura definitiva, até mesmo em sua decisão por cursar Filosofia. Trata-se de professor que, ao expor a filosofia de Heráclito e Parmênides em sala, e por oferecer um curso de lógica aristotélica e outro curso centrado em Sócrates e nos sofistas, deu a circular a dinâmica do pensar aos jovens estudantes. Considerando estes relatos (Chaui, 2011b), a figura do professor Villalobos representa a busca por incentivar os estudantes a trabalharem sozinhos, trazendo à tona o movimento caro à atividade filosófica: a possibilidade de sensibilizar o olhar a partir da operação intelectual. Chaui (2011b, p. 179) destaca desta ocasião o sentimento de um “fascínio por ver, pela primeira vez e em estado puro, o pensamento funcionando”.

Outro conjunto de apontamentos digno de nota é o modo como a trajetória intelectual de Marilena Chaui foi se constituindo a partir de uma ambientação acadêmica profíqua, amparada no estímulo ao estudo e na abundância do diálogo. Como esta ressalta, a partir de “conversas que suscitaram o desejo, a necessidade ou a importância de ler e de escrever” (Chaui, 2011b, p. 180). Destaca-se a pertinência da ambientação do estudo para a experiência estudiosa, assim como a significação da vivência com professores/as para o sujeito da docência.

A tomar como exemplo a pesquisa feita por Maria Isabel da Cunha (1989), com vinte e um professores (treze destes da UFPEL e oito com atuação no ensino médio em diferentes escolas da cidade de Pelotas/RS), e publicada no livro “O bom professor e sua prática”, 70% dos professores entrevistados afirma que seus comportamentos como docentes têm relação com a prática pedagógica vivenciada com seus ex-professores. A



autora discute o modo como a influência docente pode se originar de atitudes lembradas como “positivas”, com exemplos marcantes de “honestidade e amor à profissão”; ou o contrário, com os “anti-professores”, também dando a pensar “no professor cujo exemplo não se quer repetir”, como no depoimento que segue: “Na faculdade via professores falando uma linguagem que ninguém entendia. Era um palco de exibições. Procuro fazer o contrário”. Em outro trecho: “Dois de meus professores me influenciaram muito: um é do tipo seguro, mas tradicional, distante. O outro chegava-se muito a nós. Para ele parecia que o aluno era o mais importante. Tentei pegar o que de bom havia nos dois” (Cunha, 1989, p. 90-91). Vale estender o argumento da autora ao perceber a predominância da reprodução do comportamento docente, destacando a possibilidade dos aspectos dúbios da influência, afinal, como ressalta: “se isto tem aspectos positivos, também há o risco da repetição de práticas sem uma reflexão sobre elas” (Cunha, 1989, p. 92).

No caso da professora Marilena Chauí, são significativos os seguintes registros acerca do que considera como professores/as marcantes em sua trajetória:

As figuras do Lebrun, como professor exemplar, e do Bento Prado, como o dialogador exemplar, foram decisivas para mim. As aulas do Lebrun e do Bento marcaram meu modo de me relacionar com a filosofia. Depois, já como professora no Departamento, foi grande a importância de Maria Sylvia, que me trouxe algo que eu buscava e era incapaz de encontrar: a possibilidade de perceber a articulação entre Filosofia e História, Filosofia e Política. A presença de Maria Sylvia significou uma virada na minha atividade. Evidentemente, a pessoa mais importante em minha formação é Claude Lefort, não só pela radicalidade de seu pensamento e pela novidade fecunda de tudo quanto ele escreve, mas também pela relação apaixonada com a filosofia. [...] Sempre foi dito (dada a extrema importância que o trabalho pedagógico tem para mim) que meus textos eram orais, que eu não escrevia, que meus textos eram falados, coloquiais. Sob esse aspecto, eu devo muitíssimo à Dona Gilda [de Mello e Souza] que corrigiu (vezes sem conta) meus primeiros artigos, me mostrou os cacoetes que eu tinha ao escrever, me sugeriu jeitos de escrever o escrito. Foi de uma paciência e de uma generosidade incríveis para comigo (Chauí, 2011b, p. 181).

Desse relato, alguns elementos merecem ênfase: o diálogo como marca de uma atuação; a relação apaixonada do professor pelo objeto e atividade de estudo; a expertise docente em articular os saberes, dando a ver além do estrito de cada área; a paciência e a generosidade do trabalho processual da formação em acompanhar as demandas de uma estudante. Foi possível à estudante Marilena Chauí, então, o privilégio da ambientação propícia ao trabalho do pensamento porque lhe foi dado participar de um contexto escolar com profissionais capazes de *autorizar* a face plural da presença.

Destaca-se, então, a possibilidade de uma ocasião para adentrar não apenas o aparato simbólico do que se estabiliza conceitualmente, mas, também, a incorporação do que permanece da vivência com professores/as. É pertinente conjecturar que a estudante Marilena Chauí tenha aprendido com a professora Gilda de Mello e Souza, por exemplo, além do trato gramatical da escrita e de uma maneira de redigir melhor seus textos, uma forma de interação amparada em atributos como resiliência, vontade de partilha e constância de análise.



Como fator comum da docência em Marilena Chauí e, portanto, como sentido condutor das suas atividades de ensino, cabe destacar a busca por firmar o pensamento em contraponto ao autoritarismo. Considerando a presença docente sob égide de uma autoridade que se opõe ao exercício autoritário da expressão, destaca-se a atitude dinamizadora da reflexão como forma de abrir possibilidades ao instituinte. Evidencia esse propósito a escolha de Chauí por trabalhar em sala de aula um conjunto de autores como Merleau-Ponty (sobretudo em *Humanismo e terror*), Espinosa do *Tratado Teológico-Político*, Sartre da *Questão de método* ou o Montaigne da reflexão sobre a tortura e a crueldade – interlocuções conceituais elencadas para explorar aquilo que Chauí (2011a) aponta como o tema recorrente de sua docência, a saber: as múltiplas formas do autoritarismo.

Para perspectivar uma obra de pensamento no conjunto de seu trabalho, Chauí (2011a) afirma não ser possível destacar um *determinado jeito de filosofar*, o que avalia como parte de sua busca por atender à dinâmica dos acontecimentos, ou, ainda, em suas palavras, “do sentimento de que tenho a obrigação de dizer alguma coisa ou de fazer alguma coisa em relação ao que se passa à minha volta.” Ao que continua: “É por isso que acho que não tenho ‘um pensamento’, que não tenho ‘uma obra’. Eu estou aí, um pouco solta no mundo, para o que der e vier” (Chauí, 2011a, p. 204).

Uma obra de docência se constitui daquilo lega, daquilo que se faz possibilidade de uma disseminação sempre mais imprevisível que o desejo de circunscrever as etapas do ofício. Ao/à professor/a é dado apenas supor ou conjecturar o alcance de sua atuação, nunca a medida de uma relação causal direta. Uma aula ou um curso pode reverberar imediatamente, ter pouca ou nenhuma repercussão. Experiências legadas em sala, como leituras, avaliações ou estratégias de estudo, dinamizam formas de apropriação tão singulares que delas e com elas é possível apenas tecer um composto de expectativas, mas não o fator garantidor de sua efetivação.

O caso da experiência com ensino de Filosofia em Marilena Chauí revela a atividade docente como obra a partir de um núcleo suficiente a afirmar o compromisso com a reflexão e, também, do que pode ser dado como convite à composição da expressão. Dos relatos das/dos estudantes, destacamos um modo de anúncio que encontra, por exemplo, na leitura de um texto, a forma da participação na frequência filosófica. Vejamos algumas dessas possibilidades.

Silvana de Souza Ramos (2017, p. 110) (atualmente professora do departamento de Filosofia da USP) relata ter sido esta a primeira fala de Marilena Chauí ao ouvir a proposta de trabalharem o ensaio *Da arte de conversar*, de Montaigne: “Adoro esse texto. Vamos ler juntas! Faça uma cópia do texto, venha na próxima semana, nesse mesmo horário, e vamos começar o trabalho”. Chauí havia sido designada para o trabalho de orientação de mestrado de Silvana, no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP e, como conta, ela e a orientadora se conheceram na ocasião desta primeira conversa, nos anos 1990. Ao que Silvana Ramos continua:

Na semana seguinte eu estava lá, ainda intimidada pela situação. Marilena pegou o texto e decretou: “Vamos ler um parágrafo por semana”. E foi mais ou menos assim: ela lia uma frase, explicava o sentido das palavras usadas, a origem delas, o argumento que se formava, discursava



sobre o tipo de construção do texto, sobre os aspectos retóricos, sobre os prováveis interlocutores. Passeava pela história da filosofia, pelos problemas da ética e da política. E assim, cada frase era um mundo que se abria. Eu ouvia aquilo tudo com total atenção [...]. Saindo dali eu arrolava tudo o que conseguia lembrar: as expressões, as referências, tudo. Isso durou uns dois meses. Conseguimos avançar três parágrafos (Ramos, 2017, p. 110).

Três parágrafos em dois meses. Cada palavra, cada frase. Uma professora, uma aluna, um texto escrito por um filósofo francês renascentista. Entre os três, a abertura de um novo mundo. A estratégia da professora Marilena Chaui diz sobre ritmos, temporalidades, dinâmica da reflexão. Em especial, lega a espessura possível de um encontro dado com o justo arranjo da presença e da atenção, para que no (e do) encontro escolar esteja em destaque a novidade e a estabilização condizentes com a experiência do pensar. “Vamos ler um parágrafo por semana”. Em dois meses de trabalho, três parágrafos lidos.

Um encontro se constitui no que dá a realizar além da imediata ocasião. Ou algo que se chama *encontro* gera e deriva de si um *algo +1*, isto é, novas formas de ver, sentir e pensar, inacabados e inéditos processos, ou não será *encontro*. Um solilóquio é mais estável que um encontro, porque é da natureza dos encontros o embate, alguma perturbação e incômodo, sob pena de não valer sair do conforto das imagens particulares. Um professor ou professora que habite o lugar de diálogo com o mundo busca um tom de confluência – o diálogo entre o pensamento e o mundo. Isto é, se o interesse do/a professor/a não se disser na tentativa de que *algo* possa irradiar consigo, mas além da mera hierarquização do seu papel de tutor/a, há de se perguntar sobre o sentido atribuído à experiência pedagógica. Este *algo*, afinal, não pode ser o designio centralizador do diálogo. Por isso, uma pedagogia crítica interroga “esse risco cotidiano: de onde vem e por que vem a sedução de tornar-se guru? De onde vem e por que vem em nós e nos alunos o desejo de que haja um Mestre, o apelo à figura da autoridade?” (Chaui, 2016, p. 257).

O privilégio do encontro é o núcleo da experiência pedagógica. No exemplo supracitado, duas pessoas habitam a história da filosofia, aprendem a colher o sentido íntimo das palavras de um texto e sustentam o experimento de uma cultura letrada. E, mais: da cultura letrada, um modo de habitar o tempo, em suas espessuras e anacronismos; um modo de tomarem o texto com as mãos, de domar ou não domar os silêncios, de entrecruzar perguntas e questionamentos; a intercessão entre presença, forma e atenção e o que daí pode derivar. Por isso, nesse caso, além de perguntarmos o que diz Montaigne, perguntamos o que, como, em qual medida, de que maneira a professora Marilena Chaui deu a ver (com e além do conteúdo curricular expresso na leitura de Montaigne) a partir do e com a realização de sua docência.

Com vistas à pluralidade, o estudo demanda a familiaridade com objetos e relações mais aproximados do mundo humano que aquelas postas pela aplicação da aprendizagem instrumentalizada e quantificadora. É o que nos dá a pensar o relato da orientanda Silvana Ramos em relação à Chaui: “Marilena disse: ‘nós lemos juntas os primeiros parágrafos. Agora, eu quero que você leia sozinha o próximo. Traga-me por escrito e nós vamos discutir a sua leitura’. Fui para casa, eu e o meu parágrafo. Aquele parágrafo havia se tornado a razão da minha existência” (Ramos, 2017, p. 111).



É preciso perguntar em que medida a experiência educativa dá a ver um tom de segurança e tranquilidade necessários ao surgimento do novo; o quanto dá de acolhimento familiarizado com o estudo para fazer surgir o *inédito* frente ao legado instituído. No caso da professora Marilena Chaui, os depoimentos de seus/suas ex-alunos/as agregam elementos importantes para a composição de uma imagem ao modo “obra de docência”. A tirar pela pergunta a que a professora Olgária Matos se vale para rememorar, a partir de sua trajetória como estudante, as marcas deixadas por aquela a quem tem como modelo de docência: “E por que Marilena Chaui é um modelo de professora? Porque é um tipo de intelectual para quem a vida intelectual é um fim em si mesmo. É uma paixão pelo conhecimento. Marilena transmitiu, nas suas aulas, o prazer de aprender esse conhecimento” (Matos, 2019, p. 165-166).

Se não é possível pressupor um caminho garantidor da melhor experiência de ensino, algo pode ser dito sobre o valor do compromisso com o processo de preparação de cada encontro, de cada aula. Sobre a modulação de um cuidado – imprescindível ao magistério – que demanda a atitude de preparar o tema a ser compartilhado, debruçar-se sobre um assunto, organizá-lo na escrita, publicizá-lo da melhor forma. Com o exemplo da professora Marilena Chaui (2019, p. 150): “no preparamento de uma aula, meu princípio é primeiro medir o nível que os alunos estão. A partir dessas decisões, faço as minhas leituras, recolho meu próprio material, o que já escrevi sobre o assunto, tudo que disponho sobre o tema”. Esse zelo de arregimentar tudo o que se tem com vistas ao tema, escrevendo cada tema para então dar os seus manuscritos ao acontecimento aula, embora não esteja como fórmula, estará como atitude fundamental do ofício.

E a experiência didática será presente na memória dos participes, de diferentes modos, como percebido na fala de Henrique Piccinato Xavier, ex-aluno de Marilena Chaui, quando relata como foi tomado por aquilo que nomeia como a *voz de trovão filosófico* da professora – enquanto lhe parecia inusitado que alguém que é “uma potência para a fala e cujos pensamentos se encontram ‘na ponta da língua’ tenha a preocupação de praticamente sempre trazer um texto para ser lido” (Xavier, 2017, p. 194). A inquietação é pertinente: por que alguém que domina a oratória oferece ao auditório a linearidade estabilizada na palavra escrita e lida?

Alcir Pécora, por exemplo, explicita que nunca está em sala como se fosse dar uma conferência, munido de uma solução pronta ou com um texto de autoria própria para ser lido sobre a questão. Na obra supracitada, o professor afirma não ler nada que tenha escrito ao auditório: “Imagine! Se eu estou lá, em presença, posso dizer o que eventualmente pense, não preciso ler. Se eu ler a mim mesmo vou sentir que estou me repetindo, perdido em algum lugar do meu pensamento passado” (Pécora, 2019, p. 39-40). Numa passagem de Gilbert Highet sobre a forma de ensino de Henri Bergson vê-se o seguinte: “[Bergson] falava sem qualquer apontamento, vagarosa e musicalmente, compondo cada sentença sob a cadência da expressão de seu ousado e sutil pensamento; as sentenças desdobravam-se em conjuntos bem articulados” (Highet, 1967, p. 233).

A atividade docente demanda rito, forma, correção e fundamento. Cada escolha didática contém uma soma dos prós e dos contras, portanto, nenhuma estratégia será unânime e irrefutável. A efetividade de um método de ensino contará sempre com a devida



anuência das (múltiplas) perspectivas. Assim, a partir do exemplo supracitado, como validar a melhor estratégia didática em relação ao compartilhamento de um conteúdo em classe?

Aqui, interessa considerar a dinâmica cara à atividade filosófica para perguntar dos sentidos e formas da docência. Da escolha pela exposição não centrada na leitura de texto, a continuidade da pergunta por elementos que buscam dar conta dos objetivos da aula e dos sentidos postos no ato de ensinar. Em que medida esse/a professor/a, sujeito da exposição, abarca com o *em si*, um *para-além-de-si*, isto é, de que modo dá a ver na expressão compartilhada com a classe a dinâmica da pluralidade cultural do mundo? Por outro lado, da escolha pela exposição centrada na leitura de texto, pode-se sustentar outros desses elementos, dentre os quais merecem destaque: Qual é o objetivo almejado com tal leitura? A que apelo tal leitura atende; ao que remete; o que busca iniciar ou encerrar; o que se destaca do ato de decodificar as palavras?

Trata-se da busca por considerar o elemento estruturante do compartilhamento, o tanto de possibilidade que o método oferece para, então, oportunizar da e com a forma, um além da forma. Do esforço por assinalar, no conjunto de estratégias e escolhas didáticas de cada professor/a, uma via de sustentação e gerência, um elo capaz de evidenciar a dimensão acessória – e também muito reveladora – da metodologia. Uma busca, portanto, por estudar e aprimorar o ofício de professor; por investir – continuamente – na composição da docência como atitude e atividade.

As chances de êxito de uma didática dependem de sutilezas e condições tão multifacetadas que seria necessário muito mais que um *sim* ou um *não* para responder se um texto autoral deve ou não ser lido em sala. E, afinal, o desejo genuíno por uma pedagogia sintonizada entre nuances que conduzirão ao encontro com o mundo humano será capaz de acompanhar e encaminhar cada um e cada uma. Sobre a professora que se vale da escrita dos textos com exposição em classe, a impressão tecida sob a ótica de Henrique Xavier é a seguinte:

Quando Marilena lê os textos, ela não está simplesmente ensinando filosofia, mas interrogando a filosofia em sua máxima potência, mesmo após mais de quarenta anos de carreira. É como se a cada aula, a cada texto, ela estivesse aprofundando uma questão sem fim. E esta interrogação genuína se faz presente em sua leitura, se faz presente na escuta dos alunos, ela estimula nos alunos o próprio desejo de interrogar. Tem um aluno, aqui do Departamento de Filosofia, que é pesquisador de metodologia didática e que é radicalmente contra a leitura em sala de aula; eu perguntei o que ele achava da Marilena, ele respondeu que ela era maravilhosa. Então eu perguntei: e a leitura? Ele respondeu que tinha feito todos os cursos dela e que ela não lia. De fato, ele respondeu: ‘ela não lê’. Isso ocorre porque não se sente a leitura, mas sente-se o movimento de uma pergunta, sente-se o desejo por saber. Acho que este tipo de leitura e escrita produz a especificidade de uma voz, uma voz que sabe e procura mostrar por que veio, aula após aula, reunião de grupo após reunião, palestra a palestra, arguição a arguição, diariamente é uma voz que procura sustentar questões filosóficas (Xavier, 2017, p. 195-196).



A voz que manifesta um propósito e a voz que sabe ser pergunta. Não a voz que anuncie tão somente o dado de uma sequência alfabética e esbarre no instituído. Cumpre interrogarmos, assim, ao centro da proposta enunciativa se esta espalha, ao mesmo tempo, o enunciado e a chance de enunciar, a experiência de pensamento e um tom de convite. Achar o tom adequado da voz é essencial à experiência docente. Um tom que está com e além da modulação mecânica da voz porque compõe uma forma de relação com o conhecimento, uma intenção de partilha.

A autoridade de ensino em tom de convite

A virtude da excelência no ofício é tão rara quanto misteriosa. Para muitos de nós foi ou é dado a boa sorte de testemunhar o virtuosismo desses sujeitos de técnicas precisas (e preciosas) no ajuste do ofício. Por isso destaco, porque a ocasião é oportuna, o quanto fui impactada ao presenciar conferências ministradas pela professora Marilena Chauí. Em três ocasiões distintas, estive no auditório acompanhando sua exposição acerca de temas centrais aos eventos em pauta: uma em que a filosofia de Merleau Ponty figurava em primeiro plano; outra da relação entre política e filosofia; e a última sobre a ética espinosana. Destaco da conferencista Marilena elementos que imagino se aproximarem dos da professora Marilena.

Primeiro, abro um breve parêntesis para dizer que o método dessa observação parte de uma busca por suspender, pelo tempo da duração das conferências em análise, o valor inerente ao múltiplo e ao singular de sua trajetória: olhei para a figura tentando desvincular as crostas fixadas em meu juízo por inúmeras razões, dentre as quais, de ser Marilena Chauí a famigerada autora dos livros didáticos tomados como aportes conceituais fundamentais ao ensino de Filosofia. Tentei desativar o olhar maculado por uma viva amostra da implicação política (de uma pragmática politizada e da Política com P maiúsculo) – ou suspender a estima a quem o estilo precioso de escrita e manejo excepcional com as formas de expressão filosófica é patente. Busquei *deslembiar* do adágio manifesto por Walnice Nogueira Galvão (2015, p. 11) sobre Marilena como “um bicho raro: mulher, filósofa e aguerrida” ou *desver* a “Marilena leoa” que Bento Prado notou em sua aluna, assim como procurei destituir de sua imagem as togas da acumuladora dos títulos *Honoris Causa*, da uspiana emérita, dos prêmios Jabuti, dentre outras condecorações. Não que um conjunto de vivências deva necessariamente ser içado ou apartado em definitivo daqueles a quem decidimos dar voz e vez, mas decidi fazer esse processo de *decantação fenomenológica* para ser capaz de perguntar, simplesmente: afinal, o que teria este ser comunicante a comunicar? E de que modo o faz?

Como partícipe de um auditório, o que a partir e com Marilena Chauí pude guardar foi também uma forma no trato com a palavra, uma cadência capaz de participar da matéria prima da comunicação do magistério. Chegou a conferencista e com ela apareceu, em concomitância, a autoridade segura da experiência, o tom de uma expressão, uma presença. Uma intercessão entre rigor e exatidão, espontaneidade e fundamento. Marilena Chauí dispôs sobre a mesa as páginas que havia escrito para a ocasião e, uma a uma, as palavras tomaram rumo no auditório. De algum modo, o enlace argumentativo foi, aos



poucos, preenchendo as paredes da grande sala como uma segunda demão, no arremate da estrutura de tijolos e ferragens. A estrutura firme de palavra (quando bem arquitetada) tem alguma sustentação própria, de encadeamento e solidez. O tom da expressão de Marilena Chaui passou a ser o contorno fundante que, embora invisível, participava em amplificação, significado e valor junto ao concreto institucional. Apareceu, ali, a forma de uma escrita suficiente a tornar Merleau Ponty manifesto – uma teoria edificada como uma parede que, embora proteja das intempéries externas, reserva o espaço de manobra interna para que o novo (novas palavras, atividades ou fatos) possa irromper.

Como parte estruturante de uma obra de docência, a expressão de Marilena Chaui salienta o ato de projetar a voz com vistas ao mundo humano. Há elementos em sua forma que sintetizam a ideia de uma autoridade docente: o que realiza não é apenas uma fala ou uma exposição conceitual, mas uma fala implicada, e uma exposição tomada de pathos. Quer fale de Merleau Ponty ou Espinosa, o que torna manifesto é um certo olhar dotado de estudo. É, pois, este enlace de envolvimento com a teoria que lega uma autoridade capaz da experiência de aproximação, isto é, de trazer a ideia *para perto* – destrinchando, desenvolvendo e estendendo os conceitos.

O trabalho do magistério realiza e dá a ver formas de familiarização com a pluralidade. Mas é preciso a soma de alguns critérios para que a dimensão íntima da leitura seja estendida na exposição compartilhada. Pinçar um saber efetivando alguma soma na transposição de uma obra da biblioteca para o auditório ou valerá a pena ou estará sempre aquém do que o próprio percurso íntimo com a obra lega a um leitor ou leitora, quando este ou esta participa do hábito da leitura. Assim, a docência se faz convite se há um alguém capaz de ver e dar a ver, a um só tempo, passado, presente e futuro num ato de leitura de mundo. A tomar o seguinte depoimento de Silvana sobre a professora em questão:

Marilena transforma cada um dos espaços ocupados por ela (na Universidade, na sala de aula, no lugar de orientação de pesquisa, no partido, no governo, no jornal...) e pelas pessoas que ali circulam, em ilhas de desordem. Lugares em que as relações de poder e de saber se transformam, desvirtuam-se e se desburocratizam. Lugares em que as dissimetrias não se apagam simplesmente (as diferenças entre os especialistas e os curiosos, entre os professores e os alunos, entre os militantes e os filósofos); de algum modo, elas se resolvem, se rearticulam, mas nunca se transformam em relações de mando e de obediência. [...] Marilena se coloca como uma das partes desse todo, desse corpo que se renova e se reinventa a cada geração (Ramos, 2017, p. 112-113).

Achar o tom de uma partilha comunicadora é uma das artimanhas centrais da docência. Mas, dar a ver presença e autoridade, expressar-se bem, persuadir, convidar, aclarar e aprofundar, dar abertura e tocar o ponto nevrágico da atitude comunicadora demanda uma confecção meticulosa. Ao ser da comunicação que compartilha com um público um texto sobre Espinosa ou Merleau Ponty será dada uma fresta de resguardo especial da lembrança. A tirar pelo relato de Antônio dos Santos sobre sua professora Marilena Chaui, é provável que o duto intangível da memória dê a reconhecer com o encontro uma forma de persistência no correr do tempo.



Como esquecer as várias aulas da professora Marilena Chaui, sempre saborosas e bem-humoradas, do prefácio do Tratado Teológico-Político de Espinosa? Como esquecer a leitura minuciosa do ponto de vista do texto ou da tradução? Como esquecer a força dramática da leitura do inicio do Prefácio do TT-P? Os traços da Profa. Marilena continuam em mim e, enquanto puder, ela será uma fonte inspiradora e referencial teórico e pessoal [...]. Por tudo isso, sou grato à Professora Marilena por ter me ensinado, com alegria, a experiência da formação e me ter potencializado a ação política (Santos, 2017, p. 29-36).

A partir de Espinosa, e ao efetivar uma frequência de comunicação, nem dada somente em sua individualidade de falante, nem no exclusivo do tomo espinosano, Marilena Chaui oferece um convite a compor o construto instituído junto aos sinais de um legado cultural. É, pois, num contexto circunscrito culturalmente, que o aluno Antônio encontra a professora Marilena e ambos compõem o diálogo com os saberes, sustentando a palavra dos antepassados e potencializando a chegada do novo.

O núcleo da docência está não em buscar ocupar o lugar do saber, mas deixá-lo sempre vazio para que outros possam aspirar a ele, assinala Chaui (2016), ressaltando a necessidade da manutenção de uma assimetria entre professor e alunos para que estes, sozinhos, conquistem uma relação de simetria e de igualdade com o saber. “Ao professor não cabe dizer ‘faça como eu’, mas ‘faça comigo’” (Chaui, 2016, p. 257). Enquanto vigorar o traço inacabado e aberto do saber, a assimetria do processo de formação não será simplesmente ponto de partida, mas, ao contrário, legitimará o alcance e o esforço da frequência viva das inteligências.

O espírito do pensamento iguala professora e aluno/as, embora a *bagagem* que aquela carrega, conquistada no transcurso da experiência de vida e na intercessão entre o estudo e a docência, legitime uma diferença hierárquica com estes. Cumpre deixar *vazio o lugar do saber*, isto é: dada a natureza intransmissível e infinita do conhecimento, não é o tamanho da bagagem que é o último definitivo, pois o legado da palavra, dinâmico e aberto, sempre pede por mais. Professora e aluno estarão, assim, sincronizados na capacidade de içar a expressão partilhada e a cada nova tentativa será aprimorado o gesto da busca, sem que nenhum dos dois seja, completamente, a voz apossada e uníssona.

É nesta perspectiva que o elemento estruturador do ensino de Filosofia está em suspender a intenção de posse do saber, mantendo em movimento uma seta que não apontará exclusivamente para um (suposto) falante autorizado e, portanto, não se dará em univalelância, mas que responderá à transformação do conhecimento para que atinja, retorne e seja continuada (simetricamente) pelo inédito humano. O gesto educativo horizontalizado, com o estímulo da participação e da renovação do legado cultural, é capaz de movimentar frequências entre inteligências. Com a autoridade docente, o encontro multifacetado do agir e do falar humano potencializa as expressões dessas inteligências.

Vejamos o seguinte relato que Sílvia Saes (2020, p. 53) tece acerca de sua professora Marilena Chaui: “competente, [Marilena] faz crítica à ideologia da competência; especialista, combate a figura do especialista ou do formador de opinião que se impõe pela inculcação de ideias ou pela intimidação quanto ao modo de fazer valer a razão”. E, ainda, o trecho em que Juvenal Savian Filho (2020, p. 129) conta da construção da pesquisa de mestrado



e doutorado sob orientação desta professora: “o que seduz quem trabalha com Marilena Chaui é o clima de confiança, liberdade e alegria. Sem confiança, liberdade e alegria, não há verdadeira criatividade”. Também o seguinte trecho de um artigo em que Olgária Matos (2017, p. 15) apresenta a vocação filosófica e o alcance tanto acadêmico quanto político da obra de pensamento daquela de quem também fora aluna: “Marilena Chaui realizou uma história com erudição filosófica, literária e histórica, seus escritos e ensinamentos generosamente se destinam ao especialista, ao aprendiz e o grande público leitor”. E, por fim, o relato de Henrique Piccinato Xavier (2017, p. 182): “o diálogo de orientação com a Marilena sempre preza um ato de criação vívido, pois o sentido da filosofia que ela nos afirma jamais se resume a uma atividade técnica profissional, mas é a filosofia como uma forma de vida”.

O preparo de um ambiente em que o novo e o velho se arranjam no ponto devido é o que dá o tom da Educação, sem o qual não haverá a familiarização da criatividade, necessária para o enlace da renovação do presente em relação com o passado, ou, na expressão de Marilena Chaui (2003), o que estimulará a passagem do instituído ao instituinte. Tal passagem requer o trânsito cursivo do sentir, do pensar e do dizer, isto é, a entrada na fina membrana nem dada no raso da facilitação, nem levada ao extremo de uma profundidade tão obscura que pouco pode ser compreendido.

Desta perspectiva tem-se que o gesto erudito não é o mesmo que o gesto narcísico condicionado pelo encastelamento letrado. O distanciamento da ilustração pode ser reconfortante para o ego, mas ineficiente para a intenção comunicadora. Comunicar demanda que o aporte erudito tenha por centro o interesse de encontrar um *outro*. Portanto, domar uma evidência de si para si e arranjar o melhor construto lógico exercitando a habilidade de transformar o pensar no dizer (embora demonstre uma abrangência estrutural primorosa) não garantem a atividade nuclear da comunicação. Afinal, comunicar é descobrir uma frequência para que a palavra transite do *um* aos *outros*. O curso dialógico da palavra, isto é, quando não intimidadora, subserviente ou confinada, representa o sumo do esforço de bem expressar para que bem possa se compreender. Mas, desprovido da vontade do encontro, o gesto erudito, caprichando em mecanismos e desenvolvendo mais veleidades, somente espelhará o estrito individualismo em águas narcísicas.

Considerações finais

O núcleo ativo do ensino de Filosofia se constitui a partir da disposição de cada professora e de cada professor em se oferecer ao encontro com a partilha de tempo e da atenção – lançando questões como as que seguem: Minha erudição embarreira a comunicação ou convida a comunicar? Minha intenção comunicativa encontra os dutos da palavra compartilhada dando a ver uma autoridade capaz de lançar mundos dentro do mundo?

Em relação à atividade de ensino, uma obra de pensamento demanda o compromisso com a palavra reverberada como o substrato principal da relação entre docentes e discentes. A expressão do/a professor/a em sua obra de docência espelha a relação presentificada no encontro com estudantes. A autoridade docente viabiliza o convite à pluralidade, reafirmando a dimensão e o alcance imprescindíveis ao resguardo e à transformação do



mundo humano. É nesse sentido que vale a pena resgatar o valor da docência como obra. A despeito de todo aparato burocratizante capaz de desvirtuar do ofício de professor as condições de sua plena realização, cumpre retomar a autoridade da e na partilha como o indispensável a ser cuidado na experiência acadêmica.

No caso da professora Marilena Chaui, o convite à frequência comunicadora compõe o núcleo da realização docente. A forma de partilhar o instituído confere à frequência comunicadora a chance de dar a transitar o instituinte – e não o solilóquio autoritário, não a instrumentalização dos saberes. Ao convidar à presença, a professora Marilena Chaui evidencia a possibilidade da docência em partilhar um mundo comum resguardando e transformando a expressão da pluralidade.

Referências

CHAUI, Marilena de Souza. Arte da aula – Marilena Chaui. In: CORDEIRO, Denilson Soares; FURTADO, Joaci Pereira (org.). **Arte da Aula**. São Paulo: SESC, 2019. p. 141-154.

CHAUI, Marilena de Souza. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 24, p. 5-15, 2003. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000300002>

CHAUI, Marilena de Souza. Colóquio Filósofas: mesa de abertura - homenagem a Gilda de Mello e Souza. **YouTube**, 25 nov. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YPpiDh27AYs&t=5460s>. Acesso em: 25 fev. 2024.

CHAUI, Marilena de Souza. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Unesp, 2001.

CHAUI, Marilena de Souza. Ideologia e educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 245-257, 2016. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022016420100400>

CHAUI, Marilena de Souza. Meu jeito de fazer filosofia. In: PAOLI, Maria Celia (org.). **Diálogos com Marilena Chaui**. São Paulo: Discorso: Barcarolla, 2011a. p. 203-210.

CHAUI, Marilena de Souza; LOPES, João Paulo Rodrigues. Entrevista: Marilena Chaui. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 34, ed. esp. p. 179-211, 2011b. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/1064/962>. Acesso em: 20 maio 2025.

COLÓQUIO FILÓSOFAS: mesa de abertura - homenagem a Gilda de Mello e Souza". vídeo A partir de 1h:31m. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YPpiDh27AYs&t=5460s>. Acesso em: 23 jan. 2024.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papirus, 1989.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Saudação a Marilena. **Discurso**: Revista do Departamento de Filosofia da USP, São Paulo, v. 45 n. 2, p. 9-15, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/112503>. Acesso em: 20 maio 2025.



HIGGET, Gilbert. **A arte de ensinar**. Tradução: Lourenço Filho. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

MATOS, Olgária Chain Feres. Arte da aula – Olgária Matos. In: CORDEIRO, Denilson Soares; FURTADO, Joaci Pereira (org.). **Arte da aula**. São Paulo: SESC, 2019. p. 155-168.

MATOS, Olgária Chain Feres. Marilena Chaui: a filosofia, a dúvida, o dom. **Cadernos Espinosanos**, São Paulo, n. 36, p. 15-24, 2017. Especial Marilena Chaui. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/espinosanos/article/view/132638/128723>. Acesso em: 20 maio 2025.

PÉCORA, Alcir. Arte da aula – Alcir Pécora. In: CORDEIRO, Denilson Soares; FURTADO, Joaci Pereira (org.). **Arte da Aula**. São Paulo: SESC, 2019. p. 23-46.

RAMOS, Silvana de Souza. Múltipla. **Cadernos Espinosanos**, São Paulo, n. 36, p. 107-118, 2017. Especial Marilena Chaui. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/espinosanos/article/view/132662/128748>. Acesso em: 20 maio 2025.

SAES, Sílvia Faustino de Assis. Uma pensadora ativista da cultura. In: BREGANTINI, Daysi (org.). **Marilena Chaui**: pensamento, afetos e análise da obra. São Paulo: Cult, 2020. p. 48-54.

SANTOS, Antônio Carlos dos. Formação e gratidão: uma homenagem à professora Marilena. **Cadernos Espinosanos**, São Paulo, n. 36, p. 25-36, 2017. **Especial Marilena Chaui**. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/espinosanos/article/view/132646/128730>. Acesso em: 20 maio 2025.

SAVIAN FILHO, Juvenal. A espinosana e o cristão. In: BREGANTINI, Daysi (org.). **Marilena Chaui**: pensamentos, afetos e análise da obra. São Paulo: Cult, 2020. p. 115-136.

XAVIER, Henrique Piccinato. Marilena Chaui e as artes: Hélio Oiticica, Espinosa, Miles Davis e a voz de um trovão. **Cadernos Espinosanos**, São Paulo, n. 36, 2017. p. 179-197. Especial Marilena Chaui Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/espinosanos/article/view/132675/128760>. Acesso em: 20 maio 2025.

Recebido em: 28.07.2024

Aprovado em: 25.02.2025

Editora: Profa. Dra. Renata Marcilio Candido.

Bárbara Romeika Rodrigues Marques tem licenciatura e mestrado em filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), doutorado em educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). É professora no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), campus Valença, na educação básica, na graduação e na pós-graduação.